

VIAGENS

Turismo volta a crescer

Após dois anos de crise causada pela pandemia de covid-19, setor comemora. Mesmo com o alto preço das passagens, brasileiros vão aproveitar as férias

» RAPHAEL PATI*

Com a chegada do inverno e do mês de julho, muitas famílias decidem viajar para visitar os parentes distantes ou apenas aproveitar o passeio em pontos turísticos. As férias escolares prometem ser mais movimentadas que nos anos anteriores, devido ao avanço da vacinação contra a covid-19 em todo o Brasil. No entanto, alguns fatores podem atrapalhar o crescimento do turismo no país, como o preço alto dos combustíveis e das passagens aéreas.

O casal Bruna Uaqui, de 25 anos, Daniel Santos, vão passar a lua de mel na cidade de Caldas Novas, em Goiás — destino turístico do Centro-Oeste, para quem gosta de aproveitar as altas temperaturas das águas que correm pela região.

Daniel pediu Bruna em casamento na noite de Natal do ano passado e o casamento ocorreu neste sábado (25), na Paróquia Nossa Senhora da Saúde, na 702 Norte. A noiva conta que planejava passar os primeiros dias de casamento em um destino mais frio, comum nesta época de inverno no país. No entanto, os preços salgados foram um impeditivo para o casal.

“Primeiro pensamos em alugar um chalezinho no Airbnb em algum lugar frio, como Gramado. Mas não encontramos um lugar bonito e confortável. Também não achamos que o local estava valendo o custo”, revela Bruna.

A opção, então, passou a ser um lugar mais próximo a Brasília. “Decidimos passar a lua de mel no resort de Rio Quente, pois, além de sair mais em conta, eu gosto muito de piscina e não sou muito fã de mar e cachoeiras”, conta.

As férias de julho também são uma oportunidade para rever os familiares. A arquiteta Anna Angélica Bento, 31, vai aproveitar o período para visitar os avós e parentes que vivem em Imperatriz, no Maranhão. A viagem servirá para reencontrar os familiares após os dois anos mais críticos de pandemia, e para aproveitar as atrações turísticas da região.

“Pretendo ir ao Poço Azul (destino famoso pelas cachoeiras de água cristalina) e ao complexo da Pedra Caída, na cidade de Carolina (MA), que fica a 220 km, umas 3h30 de carro, de onde vou estar”, diz.

Anna também aproveitou para utilizar as milhas que ganhou do pai para viajar de avião. Ela diz que, se não fosse isso, provavelmente não conseguiria utilizar o transporte aéreo, devido ao alto custo das passagens. “A princípio não iria (de avião), porque as passagens estavam muito caras. Os preços subiram muito. Mas meu pai conseguiu me dar as milhas que ele tem e pude comprar as passagens de ida e volta”, esclarece.

Divulgação



Anna Bento (segurando o pet) e sua família. Reencontro acontece após dois anos

Divulgação



Bruna e Daniel vão curtir a lua de mel em Caldas Novas (GO)

Alta demanda

Mesmo com o aumento dos preços dos bilhetes aéreos, o turismo volta a crescer no Brasil e recupera os mesmos patamares do início de 2020, quando a pandemia de covid-19 começou. O custo médio das passagens acumula alta de 123,26% em 12 meses, de acordo com a prévia do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA-15), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para o mês de junho.

Outro dado, no entanto, revela que o turismo nacional cresceu 47,7% em abril, em comparação com o mesmo mês do ano anterior. O faturamento total no período foi de R\$ 15,3 bilhões. A presidente da Associação Brasileira de Agências de Viagens (ABAV), Magda Nassar, explica que, como há uma alta demanda por viagens, após um longo período de pandemia, o setor cresce, mesmo com todas as dificuldades.

“O desejo do brasileiro de viajar faz com que ele procure alternativas aos empacilhos que fazem parte da economia do país,

e não só do setor de viagens. Nos últimos anos, viemos de uma pandemia que estava impossibilitando muitas pessoas de viajarem. Julho é um período de férias e os brasileiros estão com um desejo muito grande de viajar. Vemos voos, tanto internacionais, quanto nacionais lotados e as procuras estão bem alta”, analisa a presidente.

O crescimento também deve permanecer no segundo semestre, destaca Magda, já que o período é, historicamente, mais intenso para as agências de viagem que a primeira metade do ano.

De acordo com a plataforma de reserva de hospedagens Booking.com, para as férias de julho, os brasileiros optam por destinos mais frios, com o objetivo de aproveitar as temperaturas baixas do inverno. A plataforma apurou que Campos do Jordão (SP), na Serra da Mantiqueira, é o destino mais procurado nas pesquisas. O lugar é conhecido por ser a cidade mais alta do Brasil, localizada a 1.620 metros acima do nível do mar.

Em segundo lugar, aparece

Gramado (RS), na Serra Gaúcha, que, assim como a cidade paulista, é considerada um dos roteiros preferidos dos casais. No Centro-Oeste, a melhor colocada no ranking, que aparece na sétima colocação nacional, é Caldas Novas (GO) — destino escolhido por Bruna e Daniel para a lua de mel —, localizada no sudoeste goiano.

Mais lazer

O Vice-Presidente do Conselho Regional de Economia de São Paulo e especialista no turismo e setor aéreo, Gilson Garófalo, ressalta que, pelo fato de novas tecnologias terem ganhado força na pandemia, como a reunião on-line, as viagens a trabalho serão cada vez menos frequentes.

“Desnecessário dizer que as viagens a negócios não voltarão ao nível pré-pandemia, dando lugar a outras modalidades, tais como as que reúnem negócios e lazer, ou seja, além de viajar para realizar um trabalho, o profissional pode aproveitar as atividades de lazer e entretenimento do destino”, comenta.

Em contrapartida, as viagens turísticas devem continuar impulsionando todo o setor. O especialista explica que na pandemia, e, mais especificamente durante o período de isolamento social, muitos brasileiros reavivaram o desejo de encontrar novos lugares e conhecer outras realidades.

“Nestas viagens por lazer, domesticamente, se efetuadas em veículo próprio, o preço do combustível pode levar à escolha de locais mais próximos. Quanto à questão das viagens aéreas, seja dentro do país, como para o exterior, certamente muitos aproveitarão as passagens que tiveram que ser remarcadas durante a pandemia ou, então, uma poupança foi realizada para justamente realizar o sonho de ‘descansar e arejar’”, avalia Garófalo.

Brasil S/A

por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

Jogo sujo eleitoral

Além do que será uma das eleições mais caras da história devido à fartura dos fundos eleitoral e partidário, dinheiro público dado aos partidos para bancar suas campanhas, o Congresso se aplica com denodo para torrar recursos — que não existem de fato, registre-se, vêm da apropriação de verbas da saúde e da educação e da emissão de dívida — a pretexto de proteger os pobres dos males da inflação.

Faria sentido se o Banco Central não tivesse elevando os juros, cujo piso já está em 13,25% ao ano, para conter a demanda. Isso é o oposto do que o presidente Jair Bolsonaro e os líderes dos partidos que lhe dão apoio, sobretudo na Câmara, pretendem com o expansionismo dos gastos orçamentários. Tipo a proposta de adicionar R\$ 200 (mas, veja bem!, apenas até o fim do ano, portanto, no período eleitoral) ao Auxílio Brasil, codinome do Bolsa Família, de R\$ 400 por mês.

Se isso não for corrupção eleitoral, a farra do boi está liberada — o vale-tudo de candidatos se alavancando com dinheiro fiscal que a rigor nem existe, tanto que o Congresso aprovou no início do ano o calote dos precatórios para custear o Auxílio Brasil. Agora, por baixo, a equipe do ministro Paulo Guedes estima que os “vales” eleitorais vão consumir mais R\$ 45/R\$ 50 bilhões em 12 meses.

Não se faz política social para durar um semestre. É dar comida no almoço e negar no jantar. Em vez de rasgar dinheiro, apesar da mais que evidente aceleração inflacionária, como diz o economista André Roncaglia, pode-se proteger melhor os pobres doando o dinheiro com fins eleitoreiros para cozinhas comunitárias — ou “fazer um DARF e doar ao Tesouro Nacional”, ele ironiza.

Não é a eleição ou reeleição de candidatos que deve mobilizar as energias dos governantes. É a responsabilidade fiscal, que o atual ministro da Economia diz ser zeloso guardião, embora tenha validado os árbitros orçamentários. Seja quem for, o futuro governante vai encontrar terra arrasada com o centrão agindo como touro maluquete.

E tudo isso por quê? Porque candidatos com o poder da caneta estão no modo desespero, ameaçados, segundo as pesquisas eleitorais, de não se reeleger. Para alguns, significa perder o remanso do foro privilegiado, a camaradagem das cortes supremas e da procuradoria.

Pacto federativo trincado

O estrago mais profundo e de difícil reversão, se o STF não sustar pela flagrante inconstitucionalidade da matéria, está nas medidas que ferem a autonomia federativa de estados e municípios, ao impor teto sobre o ICMS cobrado nos combustíveis, eletricidade e tarifas de telecomunicações. Os entes regionais devem chegar em janeiro com falta de R\$ 115 bilhões, nas contas da Fazenda paulista, destinados à saúde e educação, além de outras despesas obrigatórias.

Não fossem o ano eleitoral e o descompromisso com as regras de boa prática fiscal e Bolsonaro, Ciro Nogueira, seu chefe da Casa Civil, e Arthur Lira, presidente da Câmara, dificilmente teriam maioria no Congresso para aprovar tais disparates. Nem manejando os cordéis do tal “orçamento secreto”, os cerca de R\$ 16,5 bilhões distribuídos a deputados e senadores dóceis sob a forma de emendas parlamentares.

É verdade que a inflação está em brasa em todo o mundo, não apenas aqui, em grande parte devido ao choque do petróleo. Mas não se deve pôr toda a culpa no boicote à Rússia por invadir a Ucrânia.

Se houvesse seriedade na discussão, Bolsonaro não teria culpado os governadores, como sempre faz quando apanhado no pulo — finge que o problema não é com ele e corre para achar culpados. Vamos entender.

Crise moldada por “jênios”

A Petrobras, vilã da vez, tem parte da culpa, ao seguir à risca a instrução de seu sócio majoritário — o governo federal, do qual o atual responsável é Bolsonaro — para repassar aos preços os custos do mercado internacional de petróleo. Em março de 2020, no início da pandemia, caiu a US\$ 26 o barril. Na sexta, estava a US\$ 113.

Só que o país é autossuficiente de petróleo. Não tem é capacidade de refiná-lo conforme a necessidade do consumo, tendo que importar gasolina, diesel, querosene etc. É aí que está o imbróglio.

Se acompanhasse as discussões na Universidade de Chicago, em cuja faculdade de economia se formou, como se orgulha em dizer, Paulo Guedes saberia que há muito tempo seus pesquisadores denunciam o chamado “fundamentalismo de mercado”, originado nos anos 1980 pela desregulamentação das atividades produtivas para destravar o ímpeto empreendedor dos empresários. E o que houve?

Artigo da Booth, a escola de negócios da Universidade de Chicago, intitulado “Economistas neoliberais estão dando maus conselhos a Biden sobre inflação”, diz que as refinarias foram sendo compradas por poucas empresas desde 2020. Hal Singer, professor na Georgetown e autor do texto, diz que, “quando uma indústria é cartelizada, os fornecedores podem coordenar reduções de capacidade”. E assim foi.

A capacidade mundial de refino diminuiu três milhões de barris/dia desde 2020 e não se recompôs. A margem de refino, de US\$ 10/barril de 2017 a 2021, disparou para “impressionantes”, ele diz, US\$ 60 em junho. Isso se deve ao poder de formar preço das refinarias — ramo que o governo Bolsonaro mandou a Petrobras se desfazer. “Jênio”.

Tragédia dos CNPJs ilusórios

Quanto maior o desespero com os resultados eleitorais, medo do que virá depois do político ficar sem mandato, algo que a prisão do ex-ministro da Educação Milton Ribeiro veio aguçar, maior o estrago. É com isso que o ex-presidente Lula, líder em intenção de voto, tem se preocupado. Ele tem sido instado a expor o plano de seu eventual governo. Antes precisa saber o que vai encontrar.

O desmonte de áreas da gestão federal, da Funai ao BNDES, do Inca ao INSS, o aparelhamento com gente desqualificada de quase todas as autarquias, ministérios e estatais, força a retomada da governança. Tem um lado positivo, diante do desgoverno, mas adia as urgências.

Urgências como 33 milhões de carentes de tudo, os 20 milhões que sobrevivem de bico. E mais o que divulgam como como sinal de força empreendedora, mas na verdade é uma tragédia: das 5,4 milhões de empresas ativas no país, apenas 20 mil têm 250 ou mais pessoas empregadas, segundo o IBGE. A maioria não emprega ninguém, 52% do total, é o “empreendedorismo por necessidade” (ou sem emprego).

As que empregam de 1 a 9 pessoas são 38%. Que esperar da economia sem empresas pujantes, inovadoras, confiantes? Espera-se o pior. Em suma, repetir a práxis que abalou até países ricos como os EUA, que estão descartando o neoliberalismo, não nos atende. Parte do fracasso do centro se deve a isso: não ver o vento da mudança.